

E a seguinte a íntegra do discurso pronunciado pelo presidente José Sarney na abertura do Congresso Nacional dos Escritores, em São Paulo:

"Este momento é um interlúdio inesperado em meio às tempestades que me envolveram neste instante de grande comoção para o País.

Estou aqui, na qualidade de presidente da República, na ausência do nosso líder, e também intelectual de grandes méritos, Tancredo Neves. Não renuncio ou esqueço minha condição de escritor, pois se presidente é o cargo público que ocupo neste instante, escritor é a devoção e a vaidade.

Não tenho mais a inquietação e os sonhos do participante dos primeiros Congressos regionais de escritores a que assisti no meu fascinate Nordeste, há mais de trinta anos. Tenho entretanto a visão clara e nítida da atual condição dos trabalhadores das Letras, esmagados numa sociedade que tem como base os bens materiais e em que os valores do espírito são postergados.

A circunstância de ter vindo a esta solenidade, atendendo à gentileza de vosso convite, deve ser interpretada como homenagem aos meus confrades.

Declinando minha condição de escritor, neste lugar, neste momento, nada mais faço do que reconhecer que a minha vida pública não me desprende de minha primeira vocação.

Sem perder de vista o contexto de minha Pátria, de que me orgulho, sou homem de minha província, e disto me desvanço.

Foi na terra natal que despertei, para vocação das Letras. Se na origem de toda a vocação há um exemplo que nos sugere o caminho a seguir, nada mais natural que eu me tivesse orientado para a Literatura, na cidade em que me preparei para a vida.

São Luís do Maranhão não se caracteriza apenas por seus sobrados de azulejos e por suas palmeiras. Caracteriza-se também por esta peculiaridade: são de poetas e prosadores quase todos os seus monumentos.

Mais tarde, quando o destino político me levou a outro caminho, pude reconhecer que não há incompatibilidade entre a Política e as Letras, desde que as Letras e a Política se inspirem na consciência da liberdade.

E é essa consciência que inspira este Congresso, como inspirou aquele que hoje celebramos como seu ponto de partida.

Há quarenta anos, quando os escritores fizeram de São Paulo o seu ponto de encontro, a Segunda Guerra Mundial aproximava-se de seu termo, depois de encerrado o processo do fascismo e do nazismo, com a contribuição heróica das armas brasileiras.

O mundo livre reabria um

novo ciclo histórico, e essa reabertura iria influir no processo político brasileiro, com a superação do Estado Novo. 1945 é, assim, uma data na reconquista da liberdade, em nosso país.

Antes que essa superação ocorresse, já os escritores se mobilizavam, para que se substituísse o regime autoritário pelo regime democrático, em consonância com o mundo livre.

Neste momento, reabre-se, para o Brasil, o ciclo das liberdades democráticas. Estou certo de que se trata agora de uma reconquista definitiva, que trará consigo a implantação de uma sociedade mais justa e mais humana.

As Letras não se limitam ao processo estético da criação poética e romanesca, são elas a consciência de uma nação. Consciência social e política, que transcende os valores formais, para ser a afirmação da liberdade e a vigilância de nossa autonomia.

Todos nós lamentamos que não esteja aqui neste momento, para falar, para prometer, para assegurar a nossa autonomia, aquele que falara por todos nós: Tancredo Neves.

Ainda guardamos conosco a vibração de suas palavras nos comícios populares que devolveram plebiscitariamente ao País o compromisso das liberdades democráticas.

Nada mais justo nem mais oportuno do que reafirmarmos agora que o compromisso de Tancredo Neves é o nosso compromisso. O que ele prometeu realizar, ao longo de nossa campanha política, será fielmente realizado. Nada será esquecido. Tudo quanto ele assegurou ao País, como plano de governo, está assegurado: liberdade, justiça social, autonomia, reformas básicas, conciliação, desenvolvimento, ordem, paz, plenitude democrática.

Sou dos que pensam que a palavra escrita, concebida como obra de arte, no poema, no romance, no ensaio, na crônica, na peça de teatro, no discurso, é um privilégio, por ser a palavra que perdura. A palavra usual tende a durar o momento de sua enunciação, é efêmera: vibra e se desfaz.

Convém entretanto atentar para a palavra que tem o povo por testemunha. Sobrevive, Permanece. Não se limita a ressoar no comício da praça pública ou no limite dos anfiteatros. É penhor. Écaução. É compromisso. Como foi a criação do Ministério da Cultura, já em funcionamento.

Senhoras e Senhores,

O escritor brasileiro enfrenta uma multiplicidade de problemas que estão estreitamente ligados à realidade social e econômica do País. A exigüidade do público leitor, a precariedade do mercado editorial, as tiragens reduzidas, as dificuldades na comercialização e distribuição das obras, a remuneração baixa, quando não inexistente, as limitações do ensino e da divulgação da literatura no Brasil e tantas outras vicissitudes formam sem dúvida um panorama que põe à prova a vocação literária e a própria sobrevivência do ofício de escritor entre nós.

Essas dificuldades se acentuam com o privilégio concedido ao desenvolvimento econômico por uma sociedade que depende tão amplamente do seu desenvolvimento cultural e educacional para alcançar suas grandes metas de progresso material e aperfeiçoamento social e espiritual.

Nosso país é jovem: ainda está em formação, à procura

de sua identidade. A Cultura desempenha um papel primordial nesse processo. Ela é ao mesmo tempo um objetivo e um instrumento do projeto nacional brasileiro. Cabe-nos portanto a tarefa cada vez mais premente de adequar as metas do nosso desenvolvimento econômico aos rumos e ao papel decisivos que a Educação e a Cultura devem assumir neste país. Nenhum país é forte, é coeso, é generoso, se seus valores espirituais são postergados.

A Literatura brasileira e aos seus escritores está reservado um lugar de realce nesse desafio. Para ocupá-lo plenamente, porém, é preciso que encontrem terreno fértil.

Necessita nossa Literatura do incentivo de toda a sociedade. São imprescindíveis medidas concretas, materiais, que incluem a criação de facilidade, subsídios e incentivos fiscais para a abertura de livrarias e bibliotecas e para a ampliação do mercado livreiro em nosso País, mediante a criação de novos pontos de distribuição e de divulgação da nossa Literatura. É fundamental o fortalecimento da indústria editorial, de que tanto depende o desenvolvimento material e espiritual do País, por meio da abertura de crédito prioritário e barato para as editoras, algumas das quais formam já parte do patrimônio da Nação. Uma política adequada de direitos autorais e de proteção e promoção do talento literário brasileiro deve ser posta em prática por toda a sociedade. O País precisa desenvolver a consciência de que a sua Cultura — e portanto as suas Letras — são um grande patrimônio nacional. A ser cuidadosamente promovido em nome dos interesses maiores da Nação brasileira.

A democracia e a liberdade devem ter uma influência decisiva sobre esse projeto que é de todos nós.

Temos neste instante uma etapa nova e crucial para a Cultura neste País. Assenta-se ela na luta e no empenho daqueles que na etapa anterior aproveitaram cada nesga de céu aberto para procurar a luz com a sua expressão e a sua criatividade. A Arte é sempre um refúgio seguro para a liberdade.

Vejo um renascimento das Artes e das Letras no Brasil. Seus prenúncios são claros e encontram-se no vigor crescente da poesia, do conto e do romance em nosso país.

Reencontro aqui velhos amigos, grandes nomes que aprendi a admirar e que formam uma parcela significativa da consciência e da personalidade cultural do meu país.

Venho aqui assegurar-vos, meus confrades e meus patrícios, que a palavra da pregação política de Tancredo Neves tem o sentido e o valor da palavra escrita, por ser o nosso compromisso com as liberdades democráticas.

A restauração da democracia em nosso país, neste momento, irmana os intelectuais com a classe política, tal como ocorreu em 1945. É obra dos professores e dos estudantes. Dos escritores e dos jornalistas. Dos trabalhadores e dos homens de empresa. Dos artistas e dos artesãos. Do homem do campo e do homem da cidade. Em suma: de todos aqueles que acorreram ao nosso chamado, selando com seus aplausos o novo compromisso do Brasil — o compromisso do desenvolvimento, da ordem e da paz social. E, acima de todos, o compromisso da liberdade que importa a abolição de qualquer censura à inteligência.

Não me limito a vos dizer que este Congresso se identifica com o Congresso de 1945. Quero reconhecer que ele corresponde a uma nova expressão de nossa consciência política, em tudo quanto assegure a continuidade deste País como Nação democrática. Trago-lhes, como escritor, a minha solidariedade de colega interessado pelos complexos problemas da classe.

O vice-presidente José Sarney, receberá hoje, às 10h30, em audiência os presidentes das confederações nacionais da Indústria, Comércio, Agricultura e Bancos;